

J.1017H

COMPRA

20 LEITOS



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

OS NOSSOS

SEGUNDA-FEIRA, 1
JUNHO
1908

3.^a

SERIE

NUMERO

AVULSO



Hypacio de Brion

20 RS.

Todos os numeros publicam um trecho de musica

GRANDE DEPOSITO
 ↳ DE ↳
MOVEIS DE FERRO

↳ B ↳
COLCHOARIA
 + DE +
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
 Clinica Geral—Partos
 R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

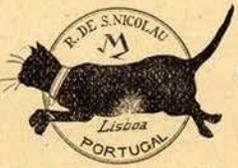
ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.
 Consultas das 10 ás 4

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦♦♦♦
 ♦♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦♦
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
 Petroleo por incandescencia
 A mais brilhante, a mais economica
 Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succes-
 sor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º—D.

Januario & Mourão
 OURIVESARIA E JOALHARIA
 Grande quantidade de artigos em estojos pro-
 prios para brindes, desde 15000 réis, joias
 com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
 Para tirar agua, substituindo com vantagem
 as noras e os moinhos de vento, **L. M. Lilly** Suc-
 cessor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º.—D. Lisboa.


 EXPOSIÇÃO
 DE
LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes

GATOPRETO
 R. de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
 QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
 83, RUA DA PALMA, 83
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª


Fornecedores da Casa Real
 82 — RUA DA VICTORIA — 88
 Exposição permanente
 166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas
 para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres
 em todos os generos


**SENHA
 DE
 Consulta**

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da pele, dos olhos, dos cabellos.»
- «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»
- «Falando ainda dos cabellos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabellos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- «Além destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
 A ESTA REDACÇÃO

Enthusiasmo enorme!

O GRANDE CONCURSO DO "AZULEJOS"

O clero, nobreza e povo, pode hoje, amanhã ou em qualquer dia habilitar-se para o nosso grande concurso, realisado por meio de sorteio em 30 d'agosto, basta que até ao dia 20 d'agosto nos envie,

20 MASCARAS ILLUSTRES
das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até serem eguaes.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

LISTA DOS PREMIOS

- 1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do *Ex.^{mo} Sr. Eugenio Costa*, proprietario do **Gato Preto**, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da *Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Céu Beça*, nossa illustre collaboradora.
- 3.º—Uma pintura a oleo, pelo *Ex.^{mo} Sr. João Bastos*, um dos nossos directores artisticos.
- 4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela *Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia Paz Lopes*.
- 5.º—Um quadro grande com a photographia do **Rei D. Manuel II**, trabalho e offerta do *Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes*, nosso illustre collaborador.
- 6.º—Um tinteiro feito em sola, pela *Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Oliveira*.
- 7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do *Ex.^{mo} Sr. Julio de Mattos*.
- 8.º—Uma machina d'escrever.
- 9.º—Um porta jornaes bordado—pela *Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana*.

(Continúa)

Muitos leitores tem enviado as suas collecções com as mascaras soltas o que pode dar em resultado perderem-se algumas d'ellas E' conveniente collarem-nas em meia folha de papel e en-
vial-as para a redacção—C. do Jogo da Pella, 6-2.º

COMPRA

REVOLTA

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 1 DE JUNHO DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400 »
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 reis.

NUMERO AVULSO 20 REIS

Tiragem 6:000 exemplares.



**CHÁ
E TORRADAS**



Quinta feira, 28 de Maio, dia da Ascenção, mais pittorescamente designado por quinta feira da Espiga.

Dia festivo em que o nosso povinho despreocupado, sentimental e dado á pandega rasgada, vae té ás hortas, de guitarra em punho, farnel no cabaz, com o fim de comer e beber á valentona e de assaltar a ceara alheia para roubar a espiga bella que se baloica na tenra haste, prometendo, talvez uma riqueza no dia futuro.

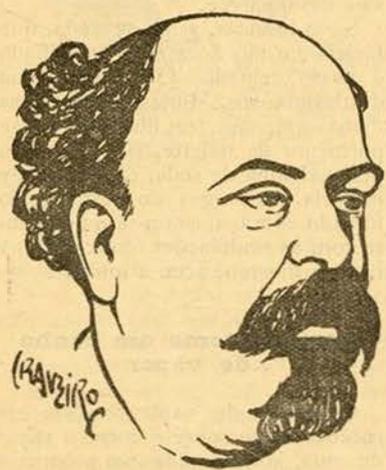
E a par d'este roubo, quantos outros não cometerão os corações das almas enamoradas quando, entre uma golada no cangirão que passa de bocca em bocca e um fadinho á desgarrada, se embrenham pelo trigoas para comporem um singelo ramilhet de malmequeres, espigas e esgalhos d'oliveira?

Depois, no regresso, perdidas todas as illusões fagueiras ou edificadas novos e brilhantes castellos de ventura enquanto os mais prudentes se limitam a observar os floridos

casas com olhares significativos, cubiçosos e penetrantes, salta o mais garoto dos do rancho, que, com voz rouca e avinhada, dedilhando a banza, os fez ruborizar ao atirar-lhes á cara uma cantiga a transvasar malicia:

Vê não te caíam as ligas
 Co' essas danças e cantigas,
 Porque pode a tua mãe
 Encontral-as nas espigas...

Mascaras illustres



Eduardo Coelho

Ai! quantos poemas d'amôr e que innumeradas tragedias de ingratição poderia segredar-nos o piosinho tostado que em cada dia vem ás nossas mesas!

Quinta feira da Ascenção! Com que devoção eu te celebro, ó maravilhosa Espiga!

Tu, és o fiel representante, o per-

feito retrato, que traduz a vida portugueza! Tu, és o vasto espelho nido onde se debruça e reflete a engrenagem rotativa do Portugal de hontem, hoje e amanhã!

Espiga, n'essa tua mudez fallas como um oraculo, illuminas como um sol, educas como um sabio, elucidas como um desmesurado livro, aberto de par em par!

A obra dos nossos dias, dos nossos governos, dos nossos homens politicos, traduzindo-se por um zero infinitamente grande, synthetisa se pela forma mais altiloqua, brilhante e categorica na imagem d'uma espiga.

O senhorio, as decimas, o commercio, a industria e toda essa legião de parasitas que nos levam coiro e cabelo cifram-se na espiga.

Tu, és a vida da nossa vida; a alma da nossa alma; o norte, o sul, o leste, o oeste da Lusitania inteira; a sombra perseguidora d'estes milhões d'almas que habitam esta callosidade do mappa europeu chamada Portugal.

Tu, sendo o pão nosso de cada dia, és ao mesmo tempo a nossa desgraça quotidiana, a nossa vergonha e a nossa tortura.

Doirada espiga que o Zé Povinho corre persurozo a colher, como symbolo bemdito do pão de todo o anno e phantasma horrivel da Falperra d'actualidade, tu mereces bem um lugar de honra na botanica nacional.

Espiga sublime e austera: invisto-te dóra ávante no cargo de padroeira d'este reino, has de subir ao azul e branco da nossa bandeira onde irás substituir o escudo das quinas.

Salvé, espiga!

JOÃO REVOLTA.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Visão pelo nariz

Data este curiosissimo caso do anno de 1575, e foi exposto por Henricua Smetius, professor em Heidelberg.

Trata-se de um moço, o qual, havendo perdido o olho direito, recebeu uma violenta ferida na cara, do lado esquerdo. Julgou-se perdido tambem o olho d'esse lado, e a ferida cicatrizou com adherencia reciproca das palpebras. Um dia, porém, o doente notou que via pelo nariz. Segundo o expositor do caso, o facto explica-se por haver ficado a fossa nasal esquerda tão larga, que a luz podia penetrar por ella até ao olho. Este sem duvida desviara-se, por effeito de torsão, em direcção media.

Microbios e notas de Banco

Os Snrs. Darlington e Park estudaram recentemente a nota de Banco, sob o ponto de vista dos microbios. Não foram elles os primeiros a deixar-se tentar por semelhante assumpto de investigações scientificas, e, assim como os seus predecessores, verificaram tambem que taes notas constituem um excellente meio de cultura.

Os bacillos dipthericos, semeados por estes professores nas referidas notas, lograram viver alli perto de um mez.

As peças monetarias são menos perigosas do que as notas. Parece que o metal é terreno bem pouco favoravel ao microbio. O Snr. Park contou, n'um penny, 26 bacterias, e 40 n'uma moeda de prata. Pelo contrario, uma nota, não demasiado suja, continha 1.250, e outra que o estava bastante, 73.000.

Nem por isto deixara de succeder, dado que certos hygienistas, assustados com o perigo de infecção das notas, resolvam deital-as fora,— que outros, menos escrupulosos, se apresentem a apanhal-as e a guardal-as, com todos os microbios que possam conter. O mundo é esta comedia divertida...

A ultima moda

realçando a belleza feminil...

Parece actualmente que o cuidado de domar o trajo á forma se vae de dia para dia precisando. As fazendas ligam-se mais intimamente que

MULHERES GALANTES



Leconte

d'antes ao rythmo dos ademanes, e o flexivel ondeado dos quadris deixa de occultar-se sob as amplas saias tufadas. Por isso, as nossas damas elegantes procuram agora adelgaçar o conjunto, para o tornarem cada vez mais suggestivo e revelador.

Deu-se uma grande revolução: a saia desaparece.

Saias brancas, saias de seda, que fazeis um tão doce *frou-frou*, findo é vosso reinado. O pantalon-saia desthronou-vos. Muitas vão sendo as damas até, que se libertam d'esse pormenor de toilette, substituindo o pela calcinha de seda, ou de jersey de seda. As prégas do vestido, não forrado agora, ajustam-se nitidamente com as ondulações do corpo. A boneca morreu, ficou a mulher.

Como se toma um banho de vapor

O banho de vapor consiste em receber sobre o corpo o vapor de agua, já misturada com productos medicinaes.

As pessoas que não dispuzerem de apparatus convenientes, podem improvisar este banho com tres arcos, de maior tamanho para menor, sobrepondo-os a uma distancia de 30 centimetros e unindo-os por meio de quatro barras de madeira. O paciente senta-se dentro do apparatus feito d'este modo, cobrindo-o com cobertores fortes excepto na parte superior onde está a cabeça, e collocando-se

Chamamos a attenção dos nossos estimaveis leitores para o grande concurso d'este semanario, no qual serão sorteados valiosos brindes e entre elles um **Coupon de 100\$000 réis**, offerta d'esta administração para quem apresentar o maior numero de colleções.

A colleção mais artistica receberá tambem um valioso premio da redacção, qual brevemente será annunciado.

O sorteio dos brindes far-se-ha a 30 de Agosto, podendo qualquer pessoa mediante a apresentação de 20 *Mascaras illustres*, receber um objecto de subido valor.

previamente no interior a agua a ferver.

Se o doente não pudér mover-se, dispõem-se de forma as roupas da cama que debaixo d'ellas se possa collocar o apparatus producto do vapor.

Depois do banho, enxugue-se muito bém o corpo, antes de se transportar o doente para o leito, e chegado alli cubra-se e resguarde-se convenientemente.

ESPIRITISMO

A conversão do sabio professor Lombroso

Eis como o eminente homem de sciencia, gloria do seu paiz e do universo nos conta a sua entrada no espiritismo:

«Até 1890 fui o adversario mais inquebrantavel do espiritismo.

A todos que me incitavam a examinar esta ordem de phenomenos respondia: «Nada tão ridiculo como o fallar d'um espirito que anima as mesas e os fauteuils; a manifestação de forças sem materia é tão incomprehensivel como a actividade funcional sem orgãos».

Mas eis que em 1891, na minha pratica medica, tive de defrontar-me com um dos mais curiosos phenomenos, que jamais se me apresentou.

Tive de tratar da filha d'um alto funcionario da minha cidade natal;

esta senhora foi subitamente acomettida, na época da puberdade, d'um violento accesso de hysteria, acompanhado de symptomas, cuja explicação me não podiam fornecer nem a pathologia nem a physiologia.

Por momentos os olhos perdiam totalmente a faculdade de vêr, e, em compensação, a doente via pelos ouvidos. D'olhos vendados, podia lêr linhas impressas que lhe apresentava aos ouvidos.

Quando se lhe collocava uma lente sobre o ouvido, interceptando a luz solar, a doente experimentava como uma queimadura nos olhos, gritando que a queriam cegar.

Em particular, prophetisava com uma exactidão mathematica tudo o que lhe ia succeder.

Uma vez disse que d'ahi a um mez e trez dias, sentiria um desejo irresistivel de morder. Vigiei a, procurei distrahir-a, atrasei todos os relógios da casa para a enganar sobre a hora, e apesar d'isto no dia designado e á hora exacta predita, foi acomettida d'uma crise impulsiva para morder, de que só se acalmou depois de ter despedaçado com os dentes muitos kilos de papel.

Posto que estes factos não fossem novos, não eram todavia menos extremamente singulares.

Confesso que, pelos menos, me pareciam inexplicaveis pelas theorias physiologicas e pathologicas até então estabelecidas.

Uma unica cousa me parecia bem clara, e era: que a hysteria, em muitas pessoas que antes eram inteiramente normaes, punha em acção forças especiaes, em relação com sentidos desconhecidos.

Foi então que tive a idéa, de que talvez o espiritismo me facilitasse o approximar-me da verdade.

Um anno depois, em 1892, achando-me em Napoles, em serviços d'inspecção professional, encontrei-me com muitos admiradores d'Eusapia Paladino, os quaes me pediram para tentar uma vez sequer experiencias com este celebre medium.

Então em pleno dia, no meu quarto do hotel, onde me encontrava só com Eusapia, verifiquei a levitação da mesa, e vi uma pequena trombeta transportar-se espontaneamente da mesa para cima do leito e depois voltar para cima da mesa.

Eu estava absolutamente estupefacto, e decidi-me a fazer, no mesmo hotel, com trez meus collegas, experiencias novas, mais minuciosas.

N'esta nova sessão, vi ainda deslucarem se os objectos, ouvi soar pancadas sem causa apparente, etc.

Mas eis o que mais me impressionou: o reposteiro do quarto contiguo levantou-se subitamente por si mesmo e veio envolver-me com uma força incrível; durante muitos segundos, não consegui desprender-me d'elle.

Era como se o reposteiro se tornasse rígido, de metal.

Não menos viva impressão experi-

mentei, vendo voltar-se debaixo para cima um prato de farinha secca, sem que a menor particula d'essa farinha se deslocasse.

Era como se ella tomasse a consistencia de gelatina. Este phenomeno persistiu mais de um quarto de hora.

N'uma outra sessão, em Milão, vi sahir das mangas do meu casaco, lentamente, um ramo de rosas frescas, como se o tivessem cortado n'aquelle instante.

Poderia dispensar-me de fazer allusão á possibilidade d'uma illusão ou d'uma fraude, pois que nós sem interrupção seguravamos solidamente as mãos e os pés do medium, e por vezes mesmo empregamos ligaduras para lhe fixar os pés.

Apezar d'isto, o leitor vai-me interpellar com um ar de compaixão, e perguntar-me: «Não se deixou v. simplesmente lograr por farçantes vulgares?»

O facto indiscutivel é que com Eusapia foram tomadas *medidas de precaução as mais absolutamente rigorosas*, contra toda a fraude possivel, por-

Modas e Confeccões



quanto ligavam-se lhe as mãos e envolviam se-lhe os pés com um fio electrico, que ao menor movimento faria funcionar uma campainha.

O medium Politi, na Sociedade de Psychologia de Milão, foi encerrado completamente nú, n'um sacco, e madame Espérance foi immobilizada n'uma rêde, como um peixe, e apesar d'isso os phenomenos produziram se.

Depois do que fica narrado, assisti ainda a outras sessões, em que Eusapia Paladino, no estado de transe, deu respostas exactas e muito sensatas em linguas que ella não conhecia, como por exemplo, o inglez.

Juntando a estes factos pessoasas tudo o que tenho sabido das experiencias de Crookes com Home e Katie King, e do medium allemão que fazia na escuridão as mais curiosas pinturas, adquiri a convicção de que os *phenomenos espiritas se explicam na maior*

parte por forças inherentes ao medium e n'outra parte tambem pela intervenção de seres supra terrestres, que dispõem de forças, cuja idéa analogica pôdem dar as propriedades do radium.

A solução d'este problema será um dos mais prodigiosos acontecimentos do novo seculo.»

CEZAR LOMBROSO.



Desenganai-vos...

Quanto vós vos enganaes julgando haver-me enganado. Muito mal tendes pensado. se de mim, assim pensaes.

Talvez vos arrependaes de me haverdes despresado; outra vos tinha julgado, por outro, vós me julgaes.

Vossos desdens, pois, Senhora dir-vos-hei que os não mereço; dos meus sois vós mer'cedora.

Não façaes caso dos meus; mas descançae... não vos peço vosso amor, pl'o amor de Deus.

H. A. B.

Os teus vassallos

Eis meu genio viril, minha vontade, minha rude altivez, minha energia, meu pensamento audaz, minha ousadia, minhas aspirações de liberdade,

minha franca, sonora alacridade que reverb'rante flocos estusia, meu estro f'liz que aclara a fantasia, tudo o que agita a louca mocidade,

todos os sentimentos que reagem, o proprio coração, a alma minha, a vida inteira — eis tudo santa imagem.

a vossos pés, em respeitosa linha, rendendo voluntaria vassalagem... De taes vassallos queres ser Rainha?

PORTO

NAPOLEÃO GONÇALVES.

DEFINIÇÕES

Confissão: — Purgante das consciencias.

Suicidio: — Vingança propria.

Papagaio: — Inventar do monologo.

Preguiça: — Fastio dos musculos.

O enfermeiro de Tata

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

—Segue-me, repetiu o enfermeiro entrando.

O rapaz cobrou animo e seguiu-o lançando medrosamente a vista para a direita e para a esquerda, sobre os rostos pallidos e cadavericos dos doentes, alguns dos quaes tinham os olhos fechados como se estivessem mortos; e outros olhavam fixamente para o tecto com os olhos abertos e espantados. Alguns gemiam como creanças.

O salão estava escuro, o ar impregnado de um cheiro agudo de remédios. Duas irmãs da caridade iam e vinham com garrafas de medicamentos.

Chegando ao fundo do salão o enfermeiro parou á cabeceira de um leito, e abrindo as cortinas, disse:

—Aqui está teu pae.

O rapaz desatou a chorar, e largando a trouxa, deixou cair a cabeça sobre o hombro do doente, agarrando-lhe com uma mão no braço que tinha estendido, immovel, sobre a coberta.

O doente não se mecheu.

O rapaz levantou-se, olhou para o pae, e rompeu de novo n'um choro afflictivo. Então o doente voltou-lhe um olhar vagaroso, e pareceu reconhecer-o. Mas os seus labios não se moviam.

Pobre Tata! como elle estava mudado! Seria impossivel que o filho o tivesse reconhecido em tal estado.

Tinham-se-lhe branqueado os cabelos, crescido a barba; inchara-lhe o rosto, tomando uma cor vermelha carregada, com a pelle tensa e lustrosa, os olhos meio apagados, os labios entumecidos, a physionomia toda alterada. Conservava apenas do que fóra o arco das sobrancelhas. Respirava difficilmente.

—Tata! meu querido Tata! — disse o rapaz —sou eu, não me conheces? Sou Cecilio, o teu Cecilio. Venho agora de casa, e foi a mamã que me mandou. Olha bem para mim... então? não me conheces? Diz-me ao menos uma palavra...

O doente, depois de tel-o fixado attentamente, fechou os olhos.

—Tata! Tata! o que tens? olha, sou eu... sou o teu filho, o Cecilio.

O doente não se mecheu mais e continuou a respirar com difficuldade.

Então o rapaz, chorando sempre, puchou uma cadeira, sentou-se e ficou esperando sem levantar os olhos do rosto do pae, e pensando consigo mesmo.

—Algun medico ha de vir fazer a visita, e elle me dirá alguma coisa.

E concentrou-se nos seus tristes pensamentos, recordando tantas coisas do seu bom pae, do dia da partida d'elle, do ultimo adeus que lhe

dera já a bordo do navio, das esperanças que alimentára a familia com aquella viagem, da desolação de sua mãe á chegada da carta, e pensou na morte; viu o pae morto, a mãe vestida de preto, a familia na iniseria...

E assim esteve muito tempo, até que uma mão ligeira lhe tocou no hombro e o fez estremecer; era uma religiosa.

—Que tem meu pae? — perguntou-lhe logo.

—E' teu pae? — disse a irmã com doçura.

—E' sim senhora, é meu pae, e eu vim... Mas elle que tem?

—Coragem, rapaz — respondeu a irmã, logo virá o medico, e retirou-se sem dizer mais nada.

(Continúa)



TOLEDO — Claustro de S. Juan de los Reis

PRINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

V

Adorada Maria Rosa:

Como tens passado? O meu silencio n'estas derradeiras semanas deve ter beliscado um pouco a tua curiosidade.

Pois, minha querida amiga, uma neurasthenia horrivel obrigou a alhear-me das coisas mundanas e a aborrecer as pessoas com quem me relaciono mais intimamente.

Armei, quasi, em donzella hysterica ou engojado rebento da familia Soisa. Vê a que estado cheguei!

Eu que me considerava acima da frivolidade da *menina da baixa* alfacinha, chupada e macillenta, que al-

moça na cama um chá de tilia, janta no Fernandes duas trouxas d'ovos, com que o papalvo cadete lhe faz a bocca doce, ferra cão ao ourives e á modista e que vac á noite esganiçar-se em casa das Cunhas, impingindo-nos a hypnotica lamuria do *«lembraste ainda quando á luz da lua»* out ri-lhando-nos os nervos com uns ais arrotados no fadinho da Severa, acepipe agora muito em moda nos salões dos semiscarunfos da alta dei co'os burrinhos n'agua.

Felizmente reagi e obriguei os meus nervos a repararem que não me ia bem um tal temperamento. Porque uma pessoa que, graças ao Pae do Céu, traz um peitilho branco e engommado na consciencia tem de pairar um pouco acima dos balofos mundiaes.

Necessitei de zangar me tesamente, de dizer duas coisas amargas aos mal-educados cordelinhos que fazem mover e sentir este malaventurado canastro de honesto parochiano.

Fiz-lhes ver que a neurasthenia, proximo parente da hysteria, era talhada para as lambisgoias possuidoras d'uma compleição de espartilho em barba direita, com ancas e outras adjacencias compradas no Lopes Sequeira; provei-lhes que o *flirt* dos nervos era muito bom para os conselheiros *Accacios* que sonham de noite como intrujar-nos de dia, ou para uns certos *dandys* manequins sem eira nem beira, parando ás 4 na rua do Ouro, onde pisam os pés ás mulheres casadas, que, em logar de tratarerem do serviço da casa, andam pelas ruas de sol a sol, vestidas de nuas, cavallões da phantasia mostrando os arceios transparentes da ultima moda que os maridos radiantes

foram mercar-lhes para o proximo se morder de inveja e se arregalar de cubiça.

E assim foi como regressei á normalidade.

Agora que estou fino voltarei a escrever-te com regularidade, no proposito firme continuar a elucidar-te sobre o carnaval perpetuo da capital onde habito.

Dá saudades á tia Leocadia e diz-lhe que o filho do senhor Barão, esperança radiante dos politicos da nossa aldeia, tem feito um figurão nas camaras: já em tres sessões seguidas disse apoiado. Abençoado seja o pão que tem comido.

Um abraço no Manuel da Burra e um aperto de mão do

Teu primo
LAMPARINA.

Carta d'amôr

(Janina)

Dê-me Deus forças para te esquecer!
Stoica coragem para te deixar...
Ceguem meus olhos para te não vêr...
Cravem meu peito espadas de matar...

Ceguem meus olhos para te não vêr...
Meus olhos tristes — pobres que enristecem,
Mas que irradiam chispas de prazer
Quando os teus olhos bellos lhe apparecem!

Quando os teus olhos bellos lhe apparecem —
Olhos divinos, barbaros, preversos,
Que são sonhos em flôr que me enlouquecem
E as musas gloriosas dos meus versos!

Dê-me Deus forças para te esquecer,
Stoica coragem para te deixar!...
Mas afinal eu vivo para te vêr,
E se não morro, Amôr, é por te amar!

E, ai de mim! a culpa é toda minha,
Porque eu devia confessar-te tudo:
(O verdadeiro amôr, doce Purinha,
Dá-nos a timidez d'uma andorinha)
Tanto tinha a dizer, ficava mudo!

Eu sei pelas Paixões que tenho lido
Que como esta não ha no mundo equal:
E' maior que a de Fausto dolorido,
Maior do que a de Dante enternecido,
Maior do que a de Tasso ou de Chrisfal!

Tem desesperos barbaros, feericos,
Como esses do gaulez da Salambô;
Tem choros, convulsões, gritos hystericos,
Heroicidades, risos neurasthenicos,
Martyrios, chagas, ais de fazer dó!

E n'este platonismo a que me obriga
A tua nobre e altiva posição
— Convencional e caustica inimiga —
Hei de sacrificar o coração!

Teria tu palavras de doçura
Para minhas meiguices e carinhos?
O' minha ingenua e casta criatura,
Coberta de veludos e de arminhos...

Não corariam de vergonha, se eu
Beijasse as tuas mãos estonteantes,
Essas lindas plumagens côr do ceu,
Essas caras opalas e brilhantes?

Quando passo, Rainha, á tua porta,
Não me atrevo a olhar-te bem de frente,

E o meu coração todo se côrta,
Dobra a finados, dolorosamente...

Tu não sabes, sequer, que vou passando,
Esfarrapado, entre a multidão...
E lá de longe, Amôr, fico-te olhando,
Bebendo em ti a luz da Inspiração!

Evôca então minh'alma um Sonho lindo
Todo feito de auroras boreaes...
— Sonho doirado! Encantamento infindo,
Que nunca saberás! Jamais! jamais!

Dê-me Deus forças para te esquecer,
Stoica coragem para te deixar...
Ceguem meus olhos para te não vêr...
Cravem meu peito espadas de matar...

Ceguem meus olhos para te não vêr,
Cortem meus braços, morram meus desejos...
Vão para a Morgue os meus ardentes beijos
Para que o verme os venha absorver!

Vá para o Morgue o fogo redemptor
Com minhas carnes roixas e geladas,
Para que então ao serem sepultadas,
Ninguem suspeite que morri de amôr!

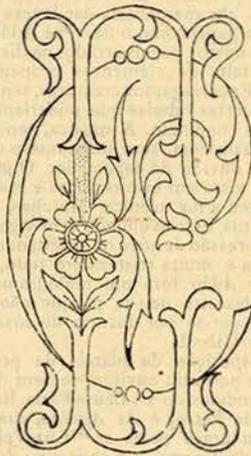
Post-Scriptum:

Tu lerás esta carta que escrevi
E terás muito dó do desgraçado,
Sem suspeitar sequer que foi por ti
Que elle soffreu, Mulher, tão duro fado!

Maior 907.

ASTRIGILDO CHAVES.

BORDADOS E RENDAS



CURIOSIDADES

Quando D. João I tentou a conquista de Ceuta, em 1416, a cidade do Porto foi a primeira que lhe enviou uma poderosa armada fornecida de todos os petrechos de guerra e guarnecida de bons soldados, tudo pago á custa dos seus habitantes, os quaes, para que a mesma armada fosse abundantemente provida de viveres os mais sadios e mimosos, alimentavam-se dos miudos e entranhas do gado vaccum, e reservavam a melhor carne para a gente de que se compunha a armada.

E ahí está porque chamam *tripeiros* aos habitantes do Porto.

COMEDIANTES

V

Lucilia Simões

Desde a «Maria» do Frei Luiz de Souza, á «Joanna Orsiero» dos Direitos Paternos, Lucilia tem evoluído consciente de que o verdadeiro artista jámais olha o passado, ainda que glorioso.

De corpo flexivel, como barbas de baleia, e esguio, como a anguille dos francezes, Lucilia tem nome feito por qualidades hereditarias a que o atavismo imprimiu o sello inapagavel.

Seu avô, o velho Simões, foi actor do seu tempo. Sua mãe, Lucinda, é ainda, quando quer ou a deixam, artista de hoje. E a filha poderia ser artista do futuro, se a seu lado tivesse quem filosoficamente a encaminhasse. Lucilia, é das raras artistas nossas que podem erguer bem alto a sua arte no paiz em que tão poucos cultores ella tem.

Houve já um critico que, num momento de dôr criteriosa, lhe chamou em estylo falhêsco: — «Cabotina»! Anos decorridos, é a cabotina de então — se o era! — diz-nos no seu trabalho quase certo, que a cabotinicidade de teatro deriva da falta de encenadores, ou se existem, do receio que elles tem de apeiar os ídolos que a ignorancia artistica creou.

Lucilia, dispozo de perceptividade digna de estudo, filha de educação pouco vulgar, ainda não encontrou pessoa amiga que explorasse esse flão, tornado caso esporádico nos nossos theatros.

No dia em que Lucilia tenha a sorte de Susanna Després; em que depare com um Lugne-Poë, ou com a dedicação dum Antvino, do teatro portuguez se poderá dizer com acertada justiça:

— «Até que enfim! A arte de teatro em Portugal conta com uma artista humana que dá ensinamentos, representando as peças que educam e não as que pervertam.»

E então, só então, não haverá cabotinas, porque, é sabido, «a melhor educação é o exemplo.»

MARIO LAGE.

No proximo numero publicarêmos o elogio — critico do actor Augusto Rosa.

Guitarra de Romanol

31

Padre que a gente freiria
Diz ser coisa muito boa,
E' um Deus na sacristia,
Em casa o demo em pessoa.

32

Quando quem governa o estado
Morre pobre sem dinheiro,
O caso está mal parado,
A patria morreu primeiro.

33

Tenente bello e loução
Que ás damas faz pé d'alferes,
Mer'cia ser capitão
D'um batalhão de mulheres.

34

Um poeta guedelhudo
Do Parnaso á manjedoura,
Poderá saber de tudo
Mas... não sabe o que é thesoira.

35

De litt'ratos ha enchente,
Cada rua tem um cento,
O que, porem, falta é gente
Com dois dedos de talento.

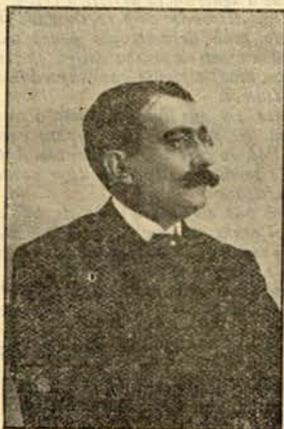
ARTE DE TEATRO

A. B. C. e O Pae Adão, duas revistas d'anno.—Uma agradável, a outra não.—O porquê.—Um homem de espirito e um homem de talento.—Interpretações.

Como o estudo feito sobre a *Má Sina* fosse longo, ainda que deficiente, só hoje posso fallar no *A. B. C.* conforme promettera na postilla do primeiro artigo sobre a peça de Bento Mantua.

A revista *A. B. C.* é original dos srs. Acacio de Paiva e Ernesto Rodrigues. Dois nomes feitos na comediografia nacional. Um dispozo da lingua portugueza a seu talento espirituoso e vivo; o outro, gracejando de tudo e por tudo, sempre alegre e dispozo bem. Com taes elementos exigia-se-lhes revista que agradasse. E conseguiram-no.

A *A. B. C.* tem quadros de critica irre-



Ernesto Rodrigues

(Distincto Comediographo)

verente e fecunda originalidade. Dois, porém, se me impõem: O 1.º passado na *Republica das Letras*, e o 7.º no *Paiz da Luz*. Este é, quanto a mim, o melhor da revista. E' de critica exacta e de preito merecido. Tem a *A. B. C.* outra qualidade notavel: vive do contraste. O contraste é tudo em arte. D'ahi o agrado crescente.

O desempenho é muito igual. Tem artistas calhados no genero. Justo é falar na sr.ª Julia Mendes, como figura de destaque. E' eximia em todos os papelinhos que faz; na sr.ª Palmira Bastos, na dicção da *Caridade Elegante*; na sr.ª Carmen Cardoso, graciosa, como sempre. Dos homens: Alvaro Cabral, procura vencer o difficil *compère*; José Alves, um dos actores mais extraordinarios nos tipos populares; Simões Coelho, na dicção do operario admirador de Heliodoro Salgado; Pinto Ramos, no canto leve dos numeros que tem; Martins dos Santos, feliz; Amarante, Jaime Silva e João Silva, em tudo que fazem.

Guarda-roupa luxuoso e musica, por vezes, assimilavel. Scenografia excelente, embora a do final do 2.º acto explore o patriotismo, sem intuitos alevantados, num arranço de aplausos vergonhosos.

A *A. B. C.* deu logar a polemica entre alguns criticos. Salientou-se o das *Novidades*, sr. Brun, que levou a sua amizade pessoal a dizer que o sr. Ernesto Rodrigues, era um dos maiores homens de espirito. João Chagas, em uma chronica do *Primeiro de Janeiro*, censurou tal disparate e teve razão.

Cito este incidente afim de provar mais uma vez a leviandade da critica officiosa. Assim não ha forma de se ser justo e de nada serve a um artista ver o seu trabalho discutido. Se o artista, seja interprete ou autor, não for notado por lente fidedignas, nem se emenda de prejuizos, nem cria consciencia profissional. A critica teatral, como hoje é feita, não educa; prostitue. Chamar a Ernesto Rodrigues um dos maiores homens de espirito, é ignorar que as faculdaes que caracterizam o espirito é o conceito, o ensinamento de qualquer assumpto artistisado. O espirito é uma gargalhada cauterisando um ridiculo; ridiculo que foge de envergonhado. Homens de espirito foram-n'o, entre nós, Urbano de Castro, Antonio de Menezes (Argus), Beldemonio, Gervasio Lobato, Julio Cesar Machado, a quando criticavam a vida nacional. Quer isto dizer que o sr. Ernesto Rodrigues não poderá ser emulo de qualquer dos citados? Não. Pode sê-lo, porque tem a base dum escritor do genero: graça e muita graça. E' mesmo dos comediographos o que mais graça tem. Mas o seu trabalho fica perdido por só ter um fim: fazer rir. E' muito já; mas para chegar a ser realmente um homem de espirito, vale-lhe a pena capitalisar conhecimentos. Os juroz virão depois...

Na noite de 9 do corrente, uma revista intitulada o *Pae Adão*, original dos srs. Xavier Marques e Bento Faria, teve a sua primeira representação no Principe Real.

Foi verdadeiramente um desastre. Todavia ter-se-ia evitado se não fosse a mais absoluta ignorancia de quem dirigiu ensaios, combinou representações e distribuiu papeis.

A primeira asneira foi a de não distribuirem o protagonista ao actor Nascimento Fernandes. Este sr., com o seu espirito incentivo, unico no genero, estou certo que salvaria o *Pae Adão*, como conseguiu repetir a *O Guarda 260 noites*. O sr. Luciano é um artista serio, com uma maneira de representar pausada e por vezes inexpressiva. De forma alguma poderia dar leveza e malicia a um papel como o de «Pae Adão.»

Depois outros papeis errados na distribuição por falta de elementos propensos a agradar. Encarregaram creaturas, sem prestimo, de certas rabulas que poderiam viver dentro do conjuncto. A musica, sendo por vezes banalissima, sem um numero que ficasse no ouvido do espectador. O guarda-roupa, já visto em outras peças e mal combinado com a luz scenica. Marchas, côres, novimentos, tudo evoluindo sem vigor, sem dar a impressão de novo ou suscitando agrado. Muita e muita tristeza em tudo, como se o *Pae Adão* fora um melodrama. Em suma, o desastre deu-se porque não podia deixar de dar-se por incuria do ensaiador, sr. Pedro Cabral.

A indisposição da plateia da primeira noite não permitiu ouvirem-se bem os versos esplendidos do sr. Bento Faria. Bastaria o dueto do *Retroz e da Agulha*, aliás cantado com graça pelas sr.ª Luz Velloso e Lucinda do Carmo, e o recitativo do *Deus Milhão*, dito teatralmente pelo sr. Eduardo Vieira, para impor o sr. Bento Faria, como um homem de talento, se já o não tivesse provado na comedia *O Pae da Patria* de colaboração com o seu engraçado collega, sr. Ernesto Rodrigues. Pena é que estes escritores se não liguem mais, dando ao teatro portuguez o que elle tanto precisa: talento e graça.

Foi um empreendimento desgraçado como todos os que são tentados por quem olha o teatro como uma fonte de commercio reles.

No proximo numero, fallarei sobre a peça *O Pae*, de Strindberg, Individualidade do autor, a sua obra scientifica e dramaturgica. Analise psicofilosofica da peça e sua interpretação comezinha.

MARCO LAJE.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Ainda que a muita gente o não pareça, sempre o cavalleiro José Bento de Araujo conseguiu realizar no ultimo domingo a sua festa no Campo Pequeno, tendo, como principaes elementos os luctadores do Colyseu, e os celebres touros *Relampago e Trovão!*

E o caso é que a casa quasi encheu, de gente que certamente se não lembra já das corridas promovidas anteriormente por este mesmo cavalleiro, em que se exhibiram os Saltadores Landezes, os luctadores como picadores, o *Capivote* que vinha comer á mão do Manoel Gentil, outras *muji-gangas* que a empresa proprietaria do Campo Pequeno não devia de forma nenhuma consentir que se expozessem n'aquelle circo, em vista da letra dos seus estatutos, ainda mesmo que a



João d'Oliveira

empresa exploradora quizesse fechar os olhos.

Queixam-se alguns collegas, do sr. governador civil que não devia pôr o visto no cartaz; o sr. Conselheiro João Coutinho queria realmente eximir-se a isso, porém, a amizade pessoal que tem pelo promotor da corrida levou-o ao ponto de ser complacente com elle e permittir *aquella cousa*. Mas a empresa proprietaria e exploradora é que não tiveram desculpa alguma.

E fallam das garraizadas de Algés! A praça do Campo Pequeno é que ultimamente nos tem proporcionado espectaculos de que se envergonharia até o Calhamar — se ainda fosse vivo!

Pena foi que a praça quasi se enchesse, pois que apenas ficaram uns poucos bilhetes de sol, e que o promotor não tivesse, com uma perdz valente, pago a sua ousadia de explorar assim o publico a quem deve a sua carreira.

A corrida em si resultou o peor que podia ser!

Os touros, do sr. Paulino da Cunha não negaram ter nas veias o sangue d'aquelle raça abastardada, cobarde e má.

Saltadores, como gymnastas consumados, tourinho houve que sete vezes galgou a teia procurando a fugida! Que bem empregada choupa!

O *Relampago e Trovão* que tão reclamados foram, não passam actualmente d'uns solennes bois.

José Bento, como poudo, collocou desludidamente alguns ferros no primeiro, e Macedo que apenas *pescou* um no segundo, tendo o bom senso de não deixar a madeira, não puderam luzir-se com a tão decantada trovoada.

O cavalleiro Morgado de Covas tou-reou muito bem o primeiro da corrida, com calma, com arte, como dese-jariamos vel o sempre.

Macedo, no touro a duo com José Bento, á parte aquelle pedido de mais um ferrinho quando o director, e muito bem, tinha já mandado cerrar a lide, esteve correcto, tambem.

Da gente de pé salientou-se Maera e Manoel dos Santos, que aguentaram com o peso da corrida, não só bregando com intelligencia e acerto, como cravando bella ferragem. Thomé tambem bregou regularmente, tendo, no primeiro touro uns quites esplendidos. Alexandre Vieira continua progredindo. Deu duas vezes o salto de garrocha, porque sendo colhido da primeira (por sua culpa — má marcação) quiz desforrar-se, o que fez e bem.

Dos espadas melhor é não fallar.

Apenas o bandarilheiro Blanquet, da quadrilha d'um d'elles é que se nos mostrou um artista magnifico, conseguindo — coisa rara aqui — que o publico se manifestasse, applaudindo-o.

Duas pegas se fizeram pelos forcados da casa, que não foram boas nem más. Quanto aos taes luctadores, quando o intelligente lhes ordenou a sahida, puzeram se na praça, indo Lasser-tesse para a frente do animal e, sem geito atirou-se ao touro, sendo derrubado e pizado, resultando-lhe um ferimento na testa que foi cosido com cinco pontos naturaes.

Ao intervallo é que se soube, e por bocca auctorizada, que os homens não tinham no seu contracto pegar em touros!... Então, se a empreza exploradora sabia isso, para que consentiu que se annunciasssem nos cartazes?

Mau... mau... mau... mau!

De proposito deixamos para o fim o que de melhor houve n'esta corrida: a lide do 7.º touro pelos dois notabilissimos amadores Eduardo Perestrello e D. Carlos de Mascarenhas.

Propondo, cravando e sahindo das sortes com toda a guapeza, os dois distinctos aficionados conseguiram, especialmente D. Carlos, cobrir com o seu trabalho tudo o que de mau houve n'aquella tarde.

Um bravo, pois aos briosos rapazes que formam a mais notavel parilha de bandarilheiros amadores dos que actualmente pizam as arenas portu-guezas.

ÉMECÉ.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — *Livio S. S.*

O fogo da ambição que já aos quinze annos lhe devora a alma, pode salvar-o ou perdê-lo conforme se servir de meios honestos ou fraudulentos para conseguir os seus fins.

A minha opinião é que, por enquanto, o meu amiguinho se limite a estudar muito bem as suas lições e a sêr respeitoso e cortez para com a sua familia, amigos e professôres.

O seu horoscopo obriga-me a dizer-lhe que fuja da companhia dos *pandegos*: vae nisso a sua saúde, que é muito, e a sua honra, que é muito mais.

O sr. é pouco prudente, mas animôso.

Não caminhe com as mãos nos bolsos; esse costume dá-lhe um aspecto *pesadão* e ordinario.

Perca tambem o habito de fazer estalar os ossos das mãos.

Será prodigo na primeira metade da sua vida e avarento na velhice.

O consulente é hesitante nas determinações da vontade. Emende-se.

Estude muito se quizer ficar aprovado nos exames.

Consulente: — *Amilcar R. de P. S.*

O sr. já reparou que tem as bar-rigas das pernas, pelo desenvolvi-mento exagerado, em desproporção com o résto do seu fisico? Não! Pois agradeça esse exagêro ao *Sol* e ao *Leão*! E' um bello sinál, meu amigo! Indica que o consulente será: valente, atrevido, magnanimo, sobêrbo, eloquente e orgulhoso.

Todos estes predicados lhe podem servir de muito, se forem bem aproveitadinhos, mas podem precipital-o no abismo donde nunca mais se sáe, se o amigo se deixa ir atraz do chôrro.

Sêja prudente, se quer sêr feliz.

Digo-lhe já que, mêsmo no mel-hor caso, a felicidade só lhe entrará em casa quando menos a esperar e, o que tem graça, é que hade sêr por uma porta que o sr. nem sonha têr na habitação.

Lá vão consêlhos dum velho bruxo amigo:

E' pouco prudente, necessita sêr mais.

E' tímido, ás vezes; pessima coisa.

E' pensativo de mais.

Tome, a miudo, banhos geraes d'agua morna.

Não responda sem pensar madu-ramente o que vae dizer.

G. C.

Veja-se nas copas a xebra de consul-ta e demais requisitos.

Chamamos a attenção dos nos-sos Ex.^{mos} leitores para o nosso annuncio que publicamos nas copas, sobre a encadernação da 1.ª e 2.ª Serie do Azulejos.

Martyrios do Hymeneu

A minha esposa.

I

Antigamente o fim dos meus desejos Era abraçar-me a ti, teu rosto vêr, Tuas faces semear de ardentes beijos, Sendo tu o altar do meu prazêr!

Quando do sol os ultimos lampejos Marchavam pouco e pouco a se escondêr Ia eu tomar contigo gargarejos... — Então, tinha vontade de vivêr!

Mas o tempo derruba os nossos gosos E os meus antigos sonhos deliciosos Em penas se vieram converter!

E quando, esposa minha de alta vista, Me apresentas a conta da modista, — Então tenho vontade de morrer!...

II

Quando te conheci prompto entreguei-me Aos braços da paixão fatal, mordace, Por julgar que a paixão me fomentasse A alma, inda que amor nossa alma queime.

Illudi-me, confesso, empatanei-me D'essa paixão na lama e se eu pensasse Nos espinhos que occulta o sacro enláce, Bem éra. Não pensei: sacrifiquei-me.

Fui louco! Não suppunha que as mulheres, Quando nós lhe fazemos pé de alféres, Condemnassem os homens á tortura!

Porém, hoje que soffro o casamento Nos seus duros aspectos de tormento, Já pondêro o amôr como loucura!

BOAVIDA.

Cumulos

D'um depenado: — Não dever dinheiro a ninguem.

D'um capitalista: — Forrar uma sala a papel sellado.

Familiar: — Viver tranquillo com a so-gra, mulher e filhos.

D'um senhorio: — Fazer obras sem que o inquilino as peça.

Semana Alegre

Um credôr surprehende um seu devedor a comer um bello perú.

— Parece impossivel, diz aquelle, que você não me pague o que me deve, e tenha o desplante de comer perú.

— Se soubesse porque o como, com certe-za se compadeceria de mim.

— Mas então porque e?

— Porque sou tão pobre tão pobre que nem sequer o poderia sustentar...

VARIEDADES

Pão de ló d'amendoas — Deita-se meio kilo d'amendoas cortadas pelo meio e outro meio mal pisadas, em kilo e meio d'assucar pilé em ponto. Depois de lhe dar duas voltas ao lume, tira-se para fora bate-se muito bem até levantar, deita-se na pedra ou em folha untada, mexendo com ella, para que perca o lustre; corta-se em talhadas e manda-se para a mesa.

POSTA RESTANTE

Nadello e Prudencio — Os sonetos estão muito errados. Emendem e mandem.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 3.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.º — Uma palmatoria de prata.
- 3.º — Uma biscoiteira.
- 4.º — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.º — Uma assignatura gratis para a 4.ª serie.

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 3.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
 2.ª Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condicção do concurso, augmentando-lhe o praso, assim:
 Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
 A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
 As decifrações devem ser enviadas pelo correio citando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifradores

DOM
N.ºs 33 e 34

Ojuara-N.º 33, 3. N.º 34, 3-(6)—Sado-N.º 33, 10, N.º 34, 8-(18)—Celesto-N.º 33, 11.º N.º 34, 9-(20)—Ranga-N.º 33, 6, N.º 34, 5-(11)—Gilosia-N.º 33, 4, N.º 34, 4-(8)—Açua-repse-N.º 33, 6, N.º 34, 8-(14)—A. J. Teixeira-N.º 33, 6, N.º 34, 7-(13)—Sombrio-N.º 33, 11, N.º 34, 9-(20)—Jó Fera-N.º 33, 10, N.º 34, 9-(19)—Boavida-N.º 33, 12—N.º 34, 10-(22)—Um cabo do 11-N.º 33, 10, N.º 34, 7-(17)—Litras-N.º 33, 10, N.º 34, 10-(20)—Almeida Cyrne-N.º 33, 6, N.º 34, 4-(10)—Nathalia-N.º 33, 4, N.º 34, 3-(7)—José-N.º 33, 8, N.º 34, 5-(13)—Adegas-N.º 33, 6, N.º 34, 3-(9)—Ziram-N.º 33, 9, N.º 34, 10-(19)—Ramito-N.º 33, 4, N.º 34, 8-(12)—Cara a Banda-N.º 33, 2 N.º 34, 3-(5)—Zé João-N.º 33, 9, N.º 34, 9-(18)—R. Passos-N.º 33, 4, N.º 34, 9-(13)—Bucage-N.º 34, 3—E. Pincho-N.º 33, 9—Cabeça d'Agua-N.º 33, 12, N.º 34, 9-(21)—Savalidade 2.ª-N.º 33, 2—Bailio-N.º 33, 8—A. de Carvalho-N.º 33, 4.

Decifrações

Do numero 33

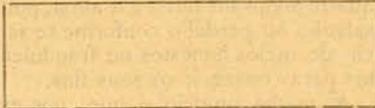
Salvaguada—Argentina—Iris—Barata, bata—Naveta, nata—Peça, Eça—Grugru—Lima, limão—Telha de igreja sempre goteja—Come com moderação e farás bem a digestão—Difficil de fazer, e calar, depois de ouvir e ver—As letras não despontam as lanças—Oculo.

Do numero 34

Pecego—Jacapau—Kattak—Materia—Olho, solho—Papho, Sapho—Oblato, oblata,—Meã, meão—Apar, rapa—Civilidade, polidez, delicadeza, são com certeza—Quando Adão teceu e Eva fiava a fidalguia onde estava?—Hiato—Helice.

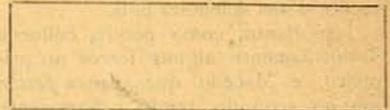
Logogripho

Apanha 1, 2, 3, 4 Ave 5, 6, 7, 8
 Na cosinha OJUARA



Electrica

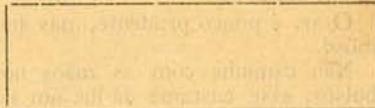
Vi irar um homem quando fazia este trabalho-2.
 REI DOS DOIDOS



Charadas

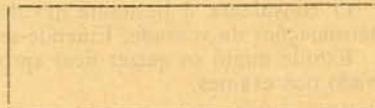
Novissimas

O primeiro marinheiro é sempre o almirante-2-2.
 CABEÇA D'AGUIA



Deitou-se a um rio o rei da angustia-2-1.

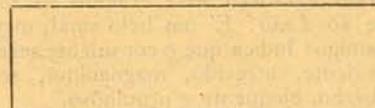
CAROCHA



Augmentativa

N'esta arvore fez ninho a ave-2.

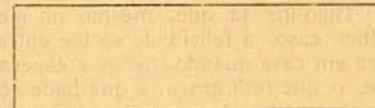
TIMIDO



Reduzida

Appellido-3
 —te—
 Appellido-2

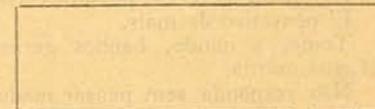
R. PASSOS



Syncopada

3-E' obliquo o bico d'esta ave-2

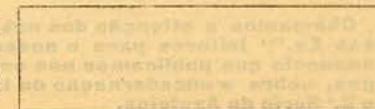
TEACHER



De igualdade

Offender e ferir-3

SANTOS

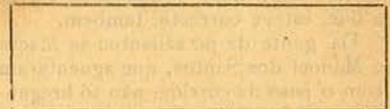


Enygmas

Por iniciaes

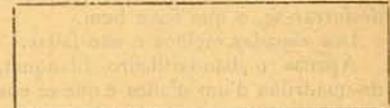
Q V S C M S H
 I 2 I I 2 I 2

LUIZ



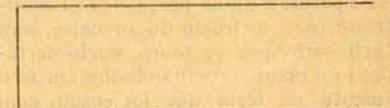
N H C P N M R
 I I 4 2 I 3 2

PUMPUM



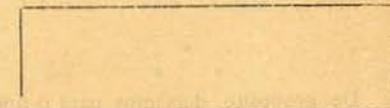
T B C E M A
 3 I 4 I 2 4

LITRAS



D E A M F C C D V
 3 I I 3 2 I I I 3

PINGOLINHAS

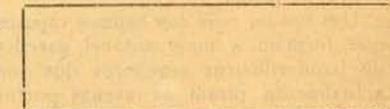


De palitos



Tirando 9 palitos fica substancia vegetal.

DIVINO



Artigos a decifrar, 13.

Grande Alfayataria
TESOURAS DE OURO

ALFREDO V. ROSA

Rua da Palma, 140, 142 e 144

Completo sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras.

Fatos elegantes e de boas fazen-
das desde 68000 reis.

MESTRES DE CÔRTE DE 1.º ORDEM

A melhor alfayataria de Lisboa

Dá senhas do Bonus Universal

A. P. FERRAZ

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(Primeiro quarteirão vindo do Kocio)

Aluga-se

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a e 2.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

